

Quando o currículo silencia: práticas feministas, formação e afetos em um projeto de extensão em teatro

When the curriculum falls silent: feminist practices, education and affect in a theater extension project

Camile Cecília dos Anjos⁷⁷

Karla Fernanda Ribeiro Neves⁷⁸

Resumo: O artigo apresenta a experiência do projeto de extensão Teatro Feminista e Estudos de Gênero, desenvolvido na Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD) em parceria com o Casulo – Espaço de Cultura e Arte, na cidade de Dourados - MS. A iniciativa surgiu da crescente demanda de estudantes por debates sobre feminismos e estudos de gênero, diante da ausência de disciplinas obrigatórias sobre o tema no curso de Artes Cênicas. O projeto estruturou-se em encontros semanais, articulando leituras de textos acadêmicos

⁷⁷ Técnica em Assuntos Educacionais no Instituto Federal de Mato Grosso do Sul *campus* Corumbá. Doutora em Artes Cênicas pela Universidade do Estado de Santa Catarina (2024), na linha Imagens Políticas, com pesquisa sobre representações das subjetividades lésbicas no teatro brasileiro. Mestre (2009) e Bacharela em Artes Cênicas pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, e Licenciada em Artes Visuais (R2). Foi professora substituta do curso de Artes Cênicas da Universidade Federal da Grande Dourados (2017–2019; 2022–2024). Artista da cena desde 1995, atua como atriz, dramaturga, encenadora e professora, com foco em estudos de gênero e feminismos.

⁷⁸ Karla Neves é atriz, performer, diretora teatral e professora. Professora substituta do curso de Artes Cênicas da Universidade Federal da Grande Dourados (2025), tendo atuado anteriormente em regime temporário (2016–2018; 2021–2022). Mestra em Letras pela FACLE/UFGD, especialista em Interdisciplinaridade em Artes e Ensino das Artes e licenciada em Teatro pela FAP/UNESPAR. Desenvolve pesquisas em teatro e interação, feminismos e performance, e integra o Coletivo CLanDesTino, onde atua como diretora e pesquisadora.

e dramaturgias feministas. Com metodologia horizontal e inclusiva, o grupo promoveu debates interdisciplinares, recebendo participantes de diversas áreas do conhecimento. A experiência evidencia a importância da criação de espaços de escuta, acolhimento e partilha, nos quais reflexões sobre gênero e teatro sejam compartilhadas e fortalecidas coletivamente.

Palavras-chave: Estudos de gênero. Extensão. Grupo de estudos.

Abstract: This article presents the experience of the Feminist Theater and Gender Studies extension project, developed at the Federal University of Grande Dourados (UFGD) in partnership with Casulo – Space for Culture and Art. The initiative emerged in response to the growing demand from students for discussions on feminisms and gender studies, given the absence of mandatory courses on the subject in the Theater Arts program. The project was structured around weekly meetings, integrating readings of academic texts and feminist dramaturgies. With a horizontal and inclusive methodology, the group fostered interdisciplinary debates, welcoming participants from various fields of knowledge. The experience highlights the importance of creating spaces of care and affectivity, where reflections on gender and theater can be shared and collectively strengthened.

Keywords: Gender studies. Outreach. Study group.

QUANDO O CURRÍCULO SILENCIA: LACUNAS FORMATIVAS E A EMERGÊNCIA DE UM PROJETO FEMINISTA

Durante nossas experiências como docentes do curso de Artes Cênicas na Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), percebemos uma demanda crescente das/os estudantes por um aprofundamento das questões de gênero. Embora tenhamos trajetórias singulares e atuado na instituição em momentos distintos, compartilhamos uma abordagem feminista e um interesse comum pelos estudos de gênero. Em nossas trajetórias acadêmicas e artísticas, incorporamos uma perspectiva crítica de gênero, integrando-a tanto às pesquisas quanto às práticas pedagógicas e cênicas. No ensino, procuramos estimular reflexões que levassem as/os estudantes a problematizar as relações de gênero em diferentes contextos, evidenci-

ando a urgência de institucionalização desses debates no âmbito formativo.

A receptividade a essas reflexões por parte das/os estudantes foi evidente. Muitas/os passaram a nos procurar para aprofundar os debates sobre feminismos e estudos de gênero, por vezes, essas questões extrapolavam os limites das disciplinas regulares, seja porque não eram contempladas nas ementas, seja porque o tempo de aula não permitia um aprofundamento adequado. Diante desse cenário, emergiu um desejo coletivo por um espaço contínuo de estudo e debate sistemático sobre gênero, feminismos e suas interseções com as artes cênicas.

Além dessa demanda, identificamos uma lacuna no currículo do curso de Artes Cênicas da UFGD: não há uma disciplina obrigatória voltada especificamente para essas abordagens. Quando aparecem, as discussões sobre gênero ocorrem de forma pontual, geralmente a partir de iniciativas individuais de docentes que incluem tais temáticas em disciplinas optativas ou em tópicos especiais. Essa ausência no Projeto Pedagógico do Curso (UFGD, 2024) reforçou a necessidade de uma iniciativa institucionalizada que garantisse a continuidade e a acessibilidade dessas problematizações a um público mais amplo.

A convergência de nossas ideias e essa necessidade de um debate mais estruturado nos levaram a idealizar o projeto de extensão Teatro Feminista e Estudos de Gênero. Nosso objetivo foi criar um espaço permanente de reflexão, formação e experimentação artística a partir dessas perspectivas. Neste artigo, compartilhamos nossa experiência na concepção e coordenação do projeto, detalhando as atividades desenvolvidas, os desafios enfrentados e os impactos gerados entre as/os participantes.

ENTRE TEORIA E PRÁTICA: A CONSTRUÇÃO DE UMA PEDAGOGIA FEMINISTA NA EXTENSÃO

O projeto foi desenvolvido entre agosto e dezembro de 2024, com encontros semanais conduzidos pelas autoras deste artigo – a coordenadora do projeto (Anjos) e a professora colaboradora (Neves). A iniciativa contou com a parceria do Casulo – Espaço de Cultura e Ar-

te, um espaço independente localizado no bairro Parque Alvorada, em Dourados – MS, que acolheu as atividades e possibilitou a realização dos encontros fora do ambiente universitário, ampliando o acesso e a participação da comunidade.

Nossa proposta central era a criação de um grupo de estudos aberto a todas as pessoas interessadas na interseção entre teatro, feminismos e estudos de gênero. Organizamos os encontros de maneira a articular teoria e prática, promovendo reflexões a partir da leitura de textos teóricos sobre Teatro Feminista e Estudos de Gênero, além da realização de leituras coletivas de dramaturgias que dialogassem com essas perspectivas.

Tal escolha metodológica não se restringe a uma estratégia organizativa, mas se configura como um posicionamento político, alinhado às epistemologias feministas que tensionam hierarquias tradicionais de produção do conhecimento. Essa abordagem dialoga com a perspectiva da professora feminista bell hooks, que defende uma educação transformadora e inclusiva. Como ela afirma:

Quando nós, como educadores, deixamos que nossa pedagogia seja radicalmente transformada pelo reconhecimento da multiculturalidade do mundo, podemos dar aos alunos a educação que eles desejam e merecem. Podemos ensinar de um jeito que transforma a consciência, criando um clima de livre expressão que é a essência de uma educação em artes liberais verdadeiramente libertadora. (hooks, 2017, p. 63).

Assim, ao promover um ambiente de livre expressão e troca de saberes, buscamos construir um espaço de aprendizagem que ampliasse perspectivas e fortalecesse o pensamento crítico. Para fortalecer o caráter inclusivo, buscamos criar um ambiente acolhedor e convidativo, recebendo sempre as/os participantes com café, chá, biscoitos e bolos, promovendo um ambiente de troca afetiva e construção compartilhada de conhecimento.

Além das leituras e trocas coletivas, pretendíamos estimular as/os participantes a desenvolverem ações artísticas autorais, inspiradas nos debates e reflexões que emergissem ao longo dos encontros. Essas criações seriam pensadas de forma livre, permitindo que cada pessoa explorasse a linguagem que considerasse mais adequada –

seja cênica, visual, literária, sonora ou performática – e pudessem ser desenvolvidas individualmente ou em grupo. Planejavamos ainda, ao final, a realização de uma mostra artística no último mês das atividades, que reuniria os trabalhos elaborados pelas/os participantes.

Nosso objetivo geral era proporcionar um espaço de reflexão e debate sobre Teatro Feminista e Estudos de Gênero, estimulando a articulação entre teoria e prática artística. Para isso, estabelecemos os seguintes objetivos: atender à demanda identificada no curso de Artes Cênicas da UFGD por discussões aprofundadas sobre feminismo e estudos de gênero; criar um espaço aberto de intercâmbio de experiências entre estudantes e demais pessoas interessadas/os na temática; estimular a criação de expressões artísticas que dialogassem com os conteúdos discutidos; realizar uma mostra artística para os trabalhos desenvolvidos durante o projeto.

A princípio, nossa intenção era estabelecer aproximações entre teatro e feminismo, tomando como base os estudos sobre Teatro Feminista, com especial referência à obra da pesquisadora britânica Elaine Aston (1995). Aston destaca a necessidade de resgatar e dar visibilidade a mulheres que foram sistematicamente apagadas da história do teatro, construída sob uma perspectiva predominantemente masculina, branca, cisgênera e heterocentrada. Além de ressaltar essas presenças, ela enfatiza a importância de criar espaços para que novas narrativas sejam produzidas, possibilitando que mulheres e outras subjetividades marginalizadas contem suas próprias histórias em diálogo com diferentes grupos e movimentos.

A Profa. Dra. Maria Brígida de Miranda (2019) compreende o teatro feminista como um campo multifacetado, que opera como um "guarda-chuva" capaz de reunir práticas teatrais, movimentos feministas, teoria crítica, filosofia, historiografia e ativismo político. Para além da problematização de estruturas patriarcais, o teatro feminista também abarca reflexões sobre sexualidades dissidentes e desobediências de gênero, reconhecendo a cena como um território de contestação e transformação social.

Mas logo percebemos que seria necessário, antes de fazermos a relação direta com o teatro, trazer algumas bases sobre o movimento feminista. Havia uma discrepância muito grande entre as/os participantes: enquanto algumas pessoas já possuíam um contato prévio

com os estudos feministas, muitas não tinham qualquer base, contando apenas com informações esparsas da internet ou de conhecimento comum. No entanto, o interesse era enorme, o que nos motivou a organizar um material didático que sistematizava o entendimento das chamadas ondas feministas. Mesmo concordando com algumas problemáticas dessa divisão, como a frequente invisibilização de mulheres não brancas e de classes sociais menos privilegiadas, adotamos essa didática a fim de facilitar o entendimento das/os participantes. No entanto, não deixamos de problematizar essa divisão e buscamos trazer algumas vozes silenciadas.

AFETO, ESCUTA E ADAPTAÇÃO: APRENDIZAGENS E TENSÕES NO PROCESSO COLETIVO

O primeiro encontro, no dia 16 de agosto de 2024, contou com a presença de dez participantes, além das coordenadoras. A apresentação inicial foi conduzida a partir da pergunta disparadora: *"Por que você veio a esse projeto?"*, permitindo uma primeira aproximação entre as pessoas e revelando suas motivações. Uma linha de abordagem que adotamos foi a de trazer para o centro dos debates a implicação entre o pessoal e o político, em diálogo com a visão feminista de Carol Hanisch (1969). Essa aproximação se mostrou essencial para o fortalecimento do grupo que, a partir do compartilhamento de questões vivenciadas individualmente, encontrava eco nas histórias das/dos demais participantes, contribuindo para a criação de vínculos e para o engajamento coletivo. Tais questões eram problematizadas criticamente, mediadas pelos estudos teóricos.

Realizamos ainda nesse encontro a leitura coletiva do texto **Sobre pepinos frescos, peras e maçãs**, de Lúcia Sander (2013), que suscitou reflexões sobre o apagamento das mulheres na história do teatro e os riscos das histórias únicas, em diálogo com as reflexões de Chimamanda Ngozi Adichie (2019). Adichie alerta que o perigo de uma história única está na invisibilização de múltiplas formas de existência e na consolidação de estereótipos, que reduzem a complexidade das experiências humanas a uma única perspectiva dominante. Quando apenas uma versão é contada reiteradamente, ela passa a

ser vista como a única possível, restringindo a diversidade de narrativas e delimitando o que é considerado “aceitável” ou “reconhecível” dentro de determinados contextos.

Inicialmente adotamos a rotina de, a cada semana, alternar debates em torno de textos teóricos previamente lidos e leituras coletivas de dramaturgias, permitindo que as/os participantes correlacionassem esses conteúdos com suas próprias vivências e percepções.

Curiosamente, muitas/os participantes não eram do curso de Artes Cênicas. Tivemos presenças da Psicologia, Biologia, Ciências Sociais, Direito e Matemática, além das Cênicas. Esse fato evidenciou que a carência por debates sobre feminismo e estudos de gênero não se restringia ao campo teatral, mas atravessava diferentes áreas do conhecimento. A ausência sistemática desses debates nos currículos universitários reflete um apagamento mais amplo dessas temáticas na formação acadêmica, o que faz com que estudantes busquem por espaços alternativos para suprir essa lacuna. Essa constatação nos levou a ampliar nossa abordagem, compreendendo que não podíamos nos limitar ao teatro. Optamos, então, por textos teóricos que não se restringissem ao universo teatral, os quais eram revezados com as leituras coletivas de dramaturgias feministas, nas quais todas/os participavam e posteriormente discutíamos. Dessa forma, o projeto não apenas contribuiu para uma reflexão mais aprofundada dentro das Artes Cênicas, mas também ofereceu um espaço interdisciplinar de aprendizado e troca, evidenciando a urgência de se construir diálogos feministas em diferentes áreas do conhecimento.

Para garantir que o projeto contemplasse essa diversidade de participantes e interesses, estruturamos os encontros de forma a equilibrar diferentes abordagens, oferecendo um percurso que permitisse tanto a compreensão dos fundamentos dos estudos feministas quanto suas interseccionalidades e desdobramentos contemporâneos. Assim, organizamos os encontros de maneira temática, abordando desde momentos históricos do feminismo até reflexões sobre suas repercussões atuais nas artes, na educação e na sociedade.

No encontro de 23 de agosto, aprofundamos o debate sobre a primeira onda feminista, destacando figuras emblemáticas do movimento e problematizando seu protagonismo branco e elitista. Também discutimos a dimensão performativa dos movimentos feministas

por conta de sua necessidade de visibilidade. No campo teatral, analisamos a trajetória de Edith Craig, artista que se destacou no teatro político ao levantar a bandeira do sufrágismo, mas cujo legado foi historicamente ofuscado pelo de seu irmão, Edward Gordon Craig, amplamente estudado nas escolas de teatro. Ed Craig foi fundadora da *Franchise League of Actresses* (Liga de Franquias de Atrizes – AFL) e diretora da companhia de teatro feminista *Pioneer Players*, que teve papel fundamental na promoção de peças de temática social e feminista.

Ainda dentro da discussão sobre a primeira onda feminista, realizamos a leitura da dramaturgia **O Voto Feminino**, da brasileira Josefina Álvares de Azevedo, acompanhada do artigo de Valéria Andrade Souto-Maior (1995), que evidencia a invisibilização de Josefina e sua relevante, porém pouco reconhecida, contribuição ao teatro brasileiro.

Além das questões históricas, os encontros também abordaram debates teóricos e políticos sobre as múltiplas vertentes do feminismo, suas críticas às estruturas de poder e suas articulações com outros marcadores sociais, como raça, classe e sexualidade. Buscamos trazer uma abordagem que não apenas revisitasse o passado, mas que também estimulasse reflexões sobre os desafios e avanços do feminismo na atualidade, ampliando o debate para além das artes cênicas e dialogando com as realidades vividas pelas/os participantes.

No dia 6 de setembro, discutimos o artigo *Rainhas, sutiãs queimados e bruxas contemporâneas: reflexões a partir da montagem de Vinegar Tom*, de Maria Brígida de Miranda (2008), preparando o terreno para a leitura da peça **Vinegar Tom**, de Caryl Churchill, realizada no encontro seguinte, em 13 de setembro. A peça de Churchill aborda diversos temas relacionados à agenda da segunda onda feminista, tais como direitos reprodutivos e igualdade social.

No encontro de 20 de setembro, ampliamos as reflexões a partir dos textos **Falando em Línguas: uma carta para as mulheres do terceiro mundo**, de Glória Anzaldúa (2021), e **A Poesia não é luxo**, de Audre Lorde (2019), promovendo reflexões sobre interseccionalidade e sobre a importância da expressão poética para mulheres marginalizadas.

No encontro de 27 de setembro, realizamos a leitura da peça **Há mais futuro que passado**, de Clarisse Zarvos, Daniele Avila Small e Mariana Barcelos (2018), aprofundando as discussões sobre a invisibilização de artistas latino-americanas. A obra nos levou a refletir sobre como a historiografia oficial, não apenas do teatro, mas das artes em geral, frequentemente apaga ou marginaliza essas criadoras, perpetuando uma narrativa eurocêntrica e masculina que limita o reconhecimento de suas contribuições.

Com o tempo, percebemos que muitas/os participantes enfrentavam dificuldades para realizar as leituras prévias, seja por conta das exigências de seus cursos de formação, seja por outras questões pessoais. Isso acabava transformando o debate em uma explanação centrada nas professoras e gerava desconforto em algumas pessoas que não conseguiam acompanhar as leituras solicitadas.

Tal adaptação evidencia a necessidade de práticas pedagógicas situadas, capazes de responder às condições concretas de participação e às demandas do grupo, em oposição a modelos rígidos de ensino. Além disso, tornou os encontros mais acessíveis e dinâmicos, ampliando a participação e favorecendo uma maior horizontalidade nas trocas. A recepção foi bastante positiva, e as/os participantes relataram um alívio por conseguirem acompanhar as leituras sem culpa, fortalecendo o engajamento no processo.

Essa flexibilidade foi fundamental para a solidificação do grupo, que inicialmente apresentava grande variação de participantes – alguns dias com quase vinte pessoas, outros com quatro. Entretanto, com o passar do tempo, a participação se estabilizou, e passamos a ter uma média de sete a dez pessoas por encontro.

Outra adaptação necessária – ainda que difícil para nós – foi abrir mão do processo de criação de uma ação artística e, consequentemente, da mostra que reuniria as produções das participantes. Diversos fatores contribuíram para essa decisão, incluindo a diversidade de formações do grupo, com muitas participantes vindas de outras áreas, sem necessariamente a disposição para se expressar artisticamente ou estabelecer relações diretas entre as discussões e suas próprias práticas. Além disso, o tempo pode ter sido um fator determinante: talvez precisássemos de mais encontros para que esse passo

fosse possível, especialmente considerando o período necessário para a consolidação do grupo.

Outro aspecto relevante foi a natureza das trocas construídas nos encontros, que frequentemente evocavam questões pessoais e políticas profundamente sensíveis, tornando desafiador expô-las publicamente por meio de uma ação artística. Diante desses desafios, priorizamos a construção de um ambiente seguro de troca e acolhimento, respeitando o tempo e os limites de cada participante. Nesse sentido, o afeto se apresenta não apenas como dimensão relacional, mas como elemento constitutivo de uma prática pedagógica feminista.

A proposta do projeto não se limitou à disseminação de conhecimento teórico, mas se constituiu como um lugar de escuta e fortalecimento coletivo. Desde os primeiros encontros, percebemos que os debates sobre feminismo e gênero mobilizavam experiências subjetivas profundas, levando muitas/os participantes a compartilhar relatos de abuso, repressão e silenciamento vivenciados em diferentes contextos, como a família, a igreja e a própria universidade. A ausência de espaços seguros para tratar dessas questões tornou o projeto ainda mais significativo, funcionando simultaneamente como ambiente de aprendizado e rede de apoio.

Ao longo dos encontros, essa dimensão afetiva e política ficou cada vez mais evidente. Os vínculos criados entre as/os participantes fortaleceram o senso de pertencimento e resistência, permitindo que as reflexões extrapolassem os temas inicialmente planejados. O impacto desse ambiente de confiança revelou o quanto iniciativas como essa são essenciais para articular conhecimento acadêmico e vivências, promovendo reflexão crítica e, ao mesmo tempo, a construção de formas de acolhimento e fortalecimento.

Também foi fundamental a proposta de descentralização do conhecimento acadêmico. Ao ocorrer em um espaço cultural independente e ser aberto à comunidade em geral, o *Teatro Feminista e Estudos de Gênero* rompeu com as barreiras institucionais da universidade, promovendo um ambiente inclusivo e acessível para todas as pessoas interessadas. Dessa forma, o projeto não apenas respondeu a uma demanda do curso de Artes Cênicas, mas também contribuiu para a democratização do acesso à reflexão e à produção artística sobre feminismos e gênero no teatro.

A dinâmica dos encontros combinou diferentes estratégias de aprendizado e experimentação. Além das leituras e conversas coletivas, foram indicados materiais complementares, como textos, filmes e podcasts relacionados às temáticas abordadas, ampliando o repertório e oferecendo novos estímulos para o debate e a criação artística. A metodologia adotada reforçou a ideia de que o pessoal é político, permitindo que as experiências individuais das/os participantes atravessassem os debates e se configurassem como potência criativa, seja na arte, seja na vida. A adaptação constante às necessidades do grupo e a horizontalidade na condução dos encontros garantiram um bom desenvolvimento do projeto, que se consolidou como um espaço de troca, aprendizado e fortalecimento coletivo.

EXTENSÃO, FEMINISMOS E PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO: LIMITES E POTÊNCIAS

O projeto possibilitou a criação de um espaço de discussão e aprendizado sobre feminismos e estudos de gênero, indo além do campo teatral e alcançando participantes de diversas áreas do conhecimento. A carência de debates sobre essas temáticas em diferentes cursos evidenciou a necessidade de iniciativas que ampliem o acesso a essas reflexões de forma interdisciplinar e acessível.

Além da dimensão teórica, o projeto se consolidou como um ambiente de acolhimento e escuta, onde as/os participantes puderam compartilhar experiências pessoais e construir uma rede de apoio. Relatos sobre violências, repressões e silenciamentos demonstraram o impacto de criar um ambiente seguro para trocas sensíveis, fortalecendo a importância de iniciativas que aliem reflexão crítica e vivências individuais.

A experiência também demonstrou o potencial de ações culturais fora dos espaços institucionais, promovendo uma descentralização do conhecimento e tornando o debate mais acessível à comunidade. O formato dos encontros — com leituras, debates e compartilhamento de referências — aliado à adaptação do planejamento inicial, permitiu uma abordagem dinâmica e horizontal, respeitando as necessidades do grupo.

Os resultados alcançados reafirmam a relevância de projetos que dialogam com a realidade social e acadêmica das/os participantes, promovendo não apenas a construção de conhecimento, mas também o fortalecimento coletivo e a criação de espaços de resistência. O impacto gerado ao longo dos encontros reforça a urgência de dar continuidade a iniciativas semelhantes, ampliando cada vez mais o acesso a debates que seguem sendo marginalizados em muitos contextos. Nesse sentido, tais iniciativas não apenas respondem a lacunas institucionais, mas tensionam e reconfiguram as próprias formas de produção de conhecimento na universidade.

REFERÊNCIAS

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- ANZALDÚA, Gloria. **A vulva é uma ferida aberta e outros ensaios**. Rio de Janeiro: A Bolha, 2021.
- ASTON, Elaine. **An Introduction to Feminist Theatre**. USA and Canada: Routledge, 1995.
- CHURCHILL, Caryl. **Vinegar Tom**. (Tradução Claudia Mussi, *texto não publicado*).
- FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS. **RESOLUÇÃO NÚMERO 892 de 08 de fevereiro de 2024**. Dispõe sobre o novo Projeto Pedagógico do Curso de Artes Cênicas - Licenciatura e Bacharelado. Disponível em: https://portal.ufgd.edu.br/cursos/artes_cenicas/projeto-pedagogico. Acesso em 26 fev. 2024.
- HANISCH, Carol. O Pessoal é político, 1969. In: **Resistência Radical**. Disponível em: <https://resistenciaradfem.wordpress.com/tag/carol-hanisch/>. Acesso em: 16 set. 2024.
- HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.
- LORDE, Audre. **Irmã Outsider**. 1ª ed. Belo Horizonte, Autêntica Editora, 2019.

MIRANDA, Maria Brígida de; JACOBS, Daiane Dordete Steckert.

Programa da Disciplina, – Seminário Temático 1: Introdução ao Teatro Feminista; dramaturgias, encenações e ativismos, 2/2019.

MIRANDA, Maria Brígida de. Rainhas, sutiãs queimados e bruxas contemporâneas - reflexões a partir da montagem de Vinegar Tom.

Urdimento - Revista de Estudos em Artes Cênicas, Florianópolis, v. 2, n. 11, p. 133-145, 2008. Disponível em:

<http://www.revistas.udesc.br/index.php/urdimento/article/view/5432/3630>. Acesso em: 25 fev. 2025.

SANDER, Lucia V. Carta - Sobre pepinos frescos, peras e ma-

çãs. **Urdimento - Revista de Estudos em Artes Cênicas**, Florianópolis, v. 2, n. 21, p. 018–019, 2013. Disponível em:

<https://www.revistas.udesc.br/index.php/urdimento/article/view/1414573102212013018>. Acesso em: 20 fev. 2025.

SOUTO-MAIOR, Valéria Andrade. **O Florete e a Máscara: Jo-**

sephina A'lvares de Azevedo dramaturga do século XIX. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1995. Disponível em:

<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/76228/102461.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 20 fev. 2025.

ZARVOS, C. F.; SMALL, D. A.; BARCELOS, M. Há mais futuro que passado – um documentário de ficção. 1.ed. Belo Horizonte: Javali, 2018.